

Costa de Oiro



1936 - OUTUBRO
UM ESCUDO

Pensão LARANJO

A MELHOR DE LISBOA

Com todas as comodidades modernas, sala de visitas com T. S. F., Águas filtradas, águas quentes e frias, esplendida sala de jantar. Serviço esmerado. Fornece comida caseira, assada, abundante, tudo fabricado com géneros de 1.^a qualidade. Fornece-se das melhores casas de Lisboa.

Há esplendidos quartos, casas de banhos com duches

Tem garage, barbearia, leitaria e engaxador, tudo junto.

NOTICIARIO

A ASSISTENCIA ESCOLAR NO DISTRITO DE FARO.

Segundo as notas publicadas no Boletim Oficial do Ensino Primário, a assistência nas escolas oficiais do ensino primário neste distrito tem-se desenvolvido notavelmente durante os últimos três anos lectivos, nomeadamente no ano findo.

Transcrevemos alguns números, que de per si dizem suficientemente.

Acham-se criadas 196 caixas escolares, das quais seis em postos de ensino.

O montante da receita, despesa e saldo das 190 caixas das escolas foi, respectivamente, de 183.899\$33,5 — 61.107\$69 — 122.791\$64,5, e nas seis caixas dos postos 333\$20 — 237\$05 — 96\$15, respectivamente.

Funcionaram, ainda, as seguintes instituições:

Cantina escolar de Silves—receita 8.143\$11; despesa 8.143\$11.

Cantina de São Bartolomeu de Messines — receita 6.245\$25; despesa 2.113\$05; saldo 4.132\$20. Estas duas cantinas prestaram assistência a 167 alunos, distribuindo durante o ano lectivo 28.201 refeições.

Mutualidade de Silves (para assistência médica e de farmácia a alunos pobres das escolas de todo o concelho)

—receita 1.987\$38; despesa 485\$95; saldo 1.501\$43.

As cooperativas escolares, não incorporadas em caixas, acusam o seguinte movimento: receita 35.845\$14; despesa 22.973\$30; saldo 12.871\$84.

Resumindo: existiram 190 caixas em escolas, 6 em postos de ensino, duas cantinas, uma mutualidade e seis cooperativas não incorporadas em caixas escolares, cujo movimento total foi o seguinte: receita 230.453\$41,5; despesa 95.050\$15; saldo para o próximo ano lectivo 141.393\$26,5.

Nas receitas estão incluídos os saldos do ano anterior.

Referem-se estes números ao ano lectivo de 1935-36. Para dar uma ideia do desenvolvimento registado, diremos que em 1933-34 funcionaram 50 caixas escolares, duas cooperativas e uma cantina, com o seguinte movimento: receita 106.333\$10,5; despesa 60.590\$31; saldo 45.797\$29,5. Justo é salientar o zelo e os esforços despendidos pelo professorado primário neste distrito.

...

ESTEVE fundeado na nossa baía o Navio Escola Jeanne d'Arc. Durante os dias que aqui permaneceu, os oficiais e marinheiros que desembarcaram deram uma nota alegre à cidade.

A N U N C I O

O Conselho Administrativo do Regimento de Infantaria n.º 15 faz público que no dia 23 de corrente, pelas 14 horas na sua secretaria, precederá à arrematação dos estrumes produzidos pelos solípedes dêste Regimento e adjidos, e varreduras do quartel, no periodo de 1 de Janeiro a 31 de Dezembro de 1937. O caderno de encargos encontra-se patente na dita secretaria, onde poderá ser consultado pelos interessados todos os dias úteis, das 14 às 16 horas.

As propostas dos concorrentes deverão ser entregues até às 13 horas do referido dia 25.

Quartel em Lagos, 8 de Outubro de 1936

O Secretário do Conselho Administrativo

José Domingos Carapeto

Tenente



Costa de Oiro

REVISTA MENSAL DE PROPAGANDA REGIONALISTA

Director:

ANTÓNIO SABINO SIMÕES NETTO

Editor:

ANTÓNIO DA COSTA FERREIRA

Patrocinada pela

Comissão de Iniciativa

e Turismo de Lagos

Propriedade da Tipografia Ferreira

Redacção e Administração

Rua Marquez de Pombal, 11-Lagos

15 - OUTUBRO - 1936 ≡ N.º 22

ESCLARECENDO

AINDA O HOTEL

POR LEONEL VIEIRA

Parece que, em Lagos, uma única atitude merece louvôr: a de permanecer-se alheio a tôdas as actividades constructivas que possam preparar o futuro da cidade. Os interêsses de Lagos são muito de considerar, é certo, mas apenas no domínio abstracto da fantasia pura, para arredondar uma frase, para dar relêvo a um conceito, para revelar a auditórios, de ocasião, o formidável stock de idéas que possuímos, que nos permitiriam resolver, mais brevemente do que a palavra diz, difíceis problemas. E foi assim que Lagos, dispondo, desde as calendas, de tam conspicuos orientadores, sempre prontos a tratarem com leveza os assuntos mais graves, sempre prontos a demolirem de golpe, com ditos risonhos, todo o valôr do pensamento alheio, foi acompanhando o progresso com marcha de tartaruga, para não dizer de caranguejo.

Mas basta de exórdio. Queríamos apenas dizer quanto interessa ao futuro da cidade a valorização sistemática de tôda a costa marítima, desde o Chão Queimado até à Ponta da Piedade.

Há muitas praias e muitos rochedos

à beira-mar, na longa costa de Portugal, mas é único, em tôda ela, êste conjunto maravilhoso de rochedos de tam raras figurações, de tam doirada côr, de tam trabalhada escultura, de tão grandioso porte. Ilustres visitantes, entre os quais citaremos o professor alemão Schulten, o escritor inglês Gibbons, dois pintores belgas que há anos nos visitaram, mostraram-se, ao vê-los, verdadeiramente maravilhados. E os dois últimos lamentaram que não dispuzessemos dum velho solar, duma casa antiga espaçosa, que podessemos converter, sem grande despesa, mediante o estabelecimento duma pensão económica, em Mansão de artistas. Em seu entender, a afluência seria numerosa, e os trabalhos aqui feitos levariam até muito longe, pela mais expressiva de tôdas as artes, uma excepcional propaganda desta costa de maravilha. Ainda não chegou o momento duma tal realização. Mas nunca chegará a oportunidade dessa, nem doutras, se não formos persistentemente valorizando e melhorando o que temos — embora acidentalmente, e sem qualquer intenção malévola, se possa maguar alguém, que

não queira harmonizar os seus interesses pessoais com os interesses sagrados da cidade.

Não se compreende, pois, que teimemos em considerar os rochedos maravilhosos que fazem a glória da nossa Baía, como coisa mesquinha e sem valôr, a que não convenha dar o mais acentuado realce.

Reparem, por um momento, no milagre que se operou com a obra insignificante da ligação das nossas praias. Esse milagre está bem patente. Que o compreenda e aproveite quem as viu em pleno abandono, absolutamente indesejáveis, repletas de imundícies, e as observe agora, regorgitantes de vida, pejudas de barracas e toldos, tam visitadas e tam apreciadas, fazendo não pequeno reclame à cidade que durante tanto tempo as ignorou.

Ora é esta mesma zona admirável da costa, que a C. I. deseja valorizar metódicamente, acorrendo com as suas obras a um ponto, ou outro, dela — consoante às possibilidades de momento — mas integrando-as tôdas num mesmo trabalho, que, no seu conjunto, não será destituído duma boa expressão de harmonia, de um bom sentido utilitário. No ano passado foi possível valorizarmos a Praia da D. Ana, dando-lhe um acesso conveniente. Agora voltámos a nossa atenção para o Chão Queimado, onde a costa magnífica se solda à cidade, por um trecho de beleza maravilhante.

Será desagradável criar-se ali, mesmo junto da praia mais freqüentada e em estreita ligação com ela, um pequeno hotel-restaurant, modesto mas atraente, prolongado por um esplêndido terraço dilatado sobre a rocha, numa posição inegalável para permitir gozar o movimento da praia e o panorama vasto e raro da Baía, com as suas deliciosas manchas de aguarela, com o requinte artístico dos seus rochedos doiro?

Não se trata, evidentemente, de construir um «palace» requintado, com luxos incompatíveis com a modesta posição turística que ocupamos e em completo desacôrdo com a simplicidade do ambiente. Será apenas uma casa simples, mas agradável, batida pela luz, bem lavada das brisas marinhas, oferecendo

aos olhos de quem a visitar essa paisagem sempre atraente, nunca monótona, que nos oferece o mar. Haverá perto o lidar da nossa boa gente trabalhadora? Isso será mais um encanto para quem compreende a vida e a ama fóra do ambiente artificial dos jardins de inverno e dos «halls» citadinos.

Será um quadro de afan regional, capaz de interessar. E desde que o pequeno hotel disponha dum gasolina, facultará a todos os hóspedes o aproveitamento da largueza da Meia-Praia e a visita às grutas da Piedade e a todos os pontos curiosos da costa.

Receia-se que pensemos na demolição de todo o bairro da Ribeira? — Mas isso seria absolutamente impraticável. Cremos que todos os lacobrigenses sabem que o projecto das obras do pôrto inclui a demolição do bairro da Ribeira, e ninguém se lembrou ainda de criar dificuldades, por êsse facto, a obras de tanta vantagem. Pois bem, só então poderá ter lugar essa demolição. A C. I. limitar-se há a assegurar a limpeza do local, introduzindo-lhe melhoramentos que não afectarão as actividades ali existentes. De resto, estamos certos de que, antes de estar terminada a adaptação da casa destinada ao hotel, estarão iniciadas obras conducentes a darem ao Chão Queimado e ao Molhe-Cais um acesso mais desafogado e mais fácil.

Uma vez em marcha as obras de adaptação, procurará também a C. I. alargar a estrada que do Chão Queimado conduz à Praia dos Estudantes, prolongando-a até ao Pinhão, onde fará um miradouro e construirá um campo de tennis. A estrada, porém, não ficará por aí. Prolongada cêrca do fôso do forte, será continuada por um caminho marginal, já existente, mas que carece de ser alargado, nivelado, e protegido do lado do mar. Êsse caminho atingirá o patamar que dá acesso à escadaria da Praia da D. Ana.

Ligaremos assim, num limitado percurso de fácil realização, um conjunto de aspectos que mais valerão para a propaganda turística de Lagos do que os mais flamantes prospectos, os mais aliciantes e bem lançados artigos de propaganda.

(Continua na página 12)

PROBLEMAS DE INSTRUÇÃO

POR L. DA SILVEIRA FRANCO

Muitos são os problemas criados pela nova ordem económica no domínio da instrução.

Vejam, em breves notas, alguns, que por muito correntes são acessíveis à mentalidade de toda a gente, 1.º, a frequência escolar; 2.º, os maus doutores; 3.º, função da escola.

A FREQUENCIA ESCOLAR

A subida do nível social que se regista a partir da grande guerra multiplicou a olhos vistos a frequência escolar. Este enorme desejo de ser-se alguém era coisa morta nos tempos em que a instrução se circunscrevia a uma pequena casta da sociedade. O nosso País não fugiu à regra, e pode dizer-se que esta avalanche atinge proporções trágicas dado o facto do apetite geral, quasi doentio, a todos os cargos públicos. Homens formados com um curso universitário andam mendigando lugares incompatíveis com as suas habilitações, depois de consumirem grande parte dos seus recursos e da sua saúde na tiragem de cursos morosos e difíceis. Ao lado destes desempregados intelectuais, outros há, que não tendo concluído as suas formaturas ficam numa situação aflitiva, vendo-se na necessidade de começar outra vez a sua vida. E a completar o quadro estão aqueles que têm uma preparação primária ou quasi média, e que aspiram, ainda com maior pressão, a um emprêgo certo. Estes fogem dos campos e querem por força — (basta um simples parente colateral afastado em Lisboa) — ser polícias ou guardas fiscais. O leitor, que pense um segundo, na situação angustiosa de milhares de homens com meia dúzia de ideias vagas e teóricas, disputando, como numa luta de feras, um simples lugar de amanuense ou de chefe de contínuo numa repartição pública!

E tudo, porque há uma necessidade imperiosa que toca a todos: viver.

A traços largos, é este o problema, e parece, tem pelo menos sugerido à pri-

meira vista uma ideia radical: *se a causa do mal, está no aumento excessivo da frequência escolar, reduza-se esta, elimine-se o número de rapazes nas escolas.* Tenho sincera mágua de já ter lido dissertações brilhantes em torno deste remédio que considero brutal: cercar o direito à instrução, privar o povo de se instruir e formar os seus valores.

Reduzir a frequência escolar só porque há estudantes a mais e empregos a menos, é excessiva, rigidamente aritmético para que tal solução entre nas realidades plausíveis. A «excessiva» frequência escolar muito longe de constituir um perigo é antes um mais largo terreno para seleccionar valores. Pois parece bem lógico que se entre 50 se apura 5, entre 500 com mais facilidade se apura 50, média que nunca poderia dar a primeira hipótese.

OS MAUS DOUTORES

Ouve-se constantemente dizer que há doutores a mais. E é verdade. Mas o ponto nevrálgico não está em haver muitos doutores, mas muito *maus* doutores, o que é diferente. Não me refiro áqueles que sendo *maus* conseguiram iludir os mestres, obter empenhos, adquirir situações sociais que não mereciam. Refiro-me aos *maus* que o são, pela força das circunstâncias. Isto é, refiro-me às vítimas de uma instrução enfatuada cujo rendimento é na vida prática: zero. E que culpa têm as gerações de uma instrução deficiente? O próprio Estado que promete pôr em marcha uma reforma integral da instrução e educação nacionais confessa que no velho sistema, há mais vítimas do que sábios. E é profundamente honesta a declaração.

A FUNÇÃO DA ESCOLA

Tudo provem de concepções basilares: os que entendem que a escola só deve dar uma aquisição de juízos e meios para vencer na vida, não estranharão que o

(Continua na página 12)

A minha profissão permitiu-me algumas viagens ao estrangeiro. Fui à África, passei pelas Américas, tomei rumo depois à Inglaterra, vi França — até que regresssei gasto — um pouco cansado de ilusões — a Portugal. Confesso ao prezado leitor da «Costa de Oiro» que em toda a parte vi algarvios. Mas o que me impressionou sempre vivamente foi o amor que conservavam à sua província, a maneira calorosa como falavam do pequeno Algarve, do seu génio da sua gente ou dos seus costumes. Regra geral, quer o alentejano, quer o homem da extremadura, quer o homem do norte, sai do País, e lá fora, nas duras contingências de uma vida incerta, apaga-se-lhes o sentimento da sua aldeia, campo ou cidade para ficar apenas a saúde de Portugal. Fenómeno à parte representa o caso do algarvio que em lugar de falar de Portugal, nunca esquece, mas lembra a cada passo, o seu carinhoso e ridente Algarve.

É vulgar encontrar, sobretudo na Argentina, pensões dirigidas e frequentadas exclusivamente por algarvios. E não é menos interessante notar que de todas as províncias é o Algarve a que fornece menos naturalizações estrangeiras. Admirável povo o Algarve! E não o digo por ser algarvio, mas porque na minha Beira também há um vivo sentimento regional. Mas enquanto a Beira reivindica o direito de ser o coração de Portugal e de tê-lo feito com o seu sangue, o Algarve contenta-se com a sua grandeza histórica e exalta-se a si próprio. Não se aparta de Portugal, mas vive dentro d'ele, sentindo, como nenhuma Província, uma consciência própria, um orgulho legítimo de diferenciação mental e económica. Do conhecimento que tenho do Algarve, e um pouco da sua gente, creio ser falsa a ideia de que o algarvio é sempre falador. De facto o algarvio típico é essencialmente vivo, muito lúcido, muito perspicaz. Mas ao lado d'esse algarvio esperto, interesseiro, que deu o esplêndido comerciante das feitorias do século XV e XVI — encontramos o algarvio indolente. É para mim o resultado inevitável do cruzamento do norte com os árabes. Apesar de mortos, os árabes transmitiram às gerações sucessivas a orientalidade doce que se vive no Algarve. E uma das melhores impressões do orientalismo hispano encontra-se nas noites algarvias, imensas, de luar puríssimo e que lembram um pouco o ambiente dos versos dos poetas de Córdova. E para mais, acode-me lembrar-lhes que uma grande dinastia de poetas árabes viveu nos cercados floridos de Silves, numa comunhão íntima com a natureza e as mouras encantadas. E como reforço desta impressão de orientalismo que o Algarve nos deixa temos Olhão onde se encontram raparigas altíssimas, esbeltas, moleza oriental, moleza rara. Sim. Contemplando essa vila dá-nos a ideia de viver no Oriente.

Não há dúvida, que, nessas paragens do Algarve, há homens e mulheres indolentes. Mas não esquecer este apontamento. A indolência é na acção, porque o algarvio

sempre idealista e poeta de instinto deixa o pensamento voar, sonhar, numa actividade espiritual quasi abúlica e doentia. Mas ao lado d'este inactivo, que leva a vida a fazer castelos no ar, encontra-se o homem inteligente, vivo, cheio de exuberância e temperamento empreendedor. E como são em regra estes que saiem da terra e vão trabalhar longe, daí o facto de existir a opinião geral de que o algarvio é activo e falador. Mas não; o algarvio tanto é indolente, como é vivo e loquaz. Encontram-se estas duas feições do seu génio em toda a província.

Costumam os lisboetas afirmar que os algarvios e os ilheus não são boa gente. Confesso que ainda não houve motivo para ver tal. De facto, a afectuosidade e a

franqueza são timbres característicos da gente do norte.

Enquanto nas aldeias do norte os homens tendem ao colectivismo, os algarvios ao contrário são naturalmente individualistas. Muito do que há da sua alma e da sua vida se explica por essa constante realidade que o afasta e distingue: o indivíduo supre a comunidade, ser algarvio é ser diferente. Só pelo simples facto da sua individualidade se impôr — e até a dos homens rudes — naturalmente hão-de estar sujeitos aos ressentimentos dos outros que compreendendo, mas não sentindo esse fenómeno de autonomia, fazem às vezes um juizo errado e injusto do algarvio. Oh, eu sei bem que muitos de vós lerão estas palavras com orgulho. Mas se vos falo das qualidades também hei-de falar dos defeitos. Se ser algarvio é ser-se diferente, ser beirão é ser-se franco. Empregando os vossos termos sois *forretas*. Se em lugar desse espírito um pouquinho avarento tivesseis um emprêgo mais largo de iniciativas e dinheiro em poucos anos a vossa Província tinha as melhores cidades e os melhores centros de turismo do país. Há algumas praias do norte que só o dinheiro as tornou grandes. A indústria do homem com a sua mão de ferro e larga visão tem erguido em toda a parte os seus monumentos e as suas glórias. De praias inhóspitas, sem sombras nem beleza, fizeram-se caudais de fortunas, maravilhas de conforto e atracção: Em poucos pontos do mundo, se vêem praias mais favorecidas pela natureza do que as praias do Algarve. E no entanto, o seu movimento actual, a sua industrialização urgente está muito longe de ter atingido a média do progresso lá fora. Algarvios da Costa de Oiro — que conheço, como a zona mais bela do Algarve — não esperéis tudo do Estado! Alguma cousa de muito útil, e com rendimento certo, pode ser feito pelos homens ricos da terra.

A iniciativa particular que os algarvios demonstram em larga escala fora da sua Província, é preciso que seja fomentada (e aqui está um grande defeito de vós outros) na terra natal. Não há «cidades mortas». O que há é cidades sem dinheiro ou capitalismo local. Será esse o caso de Lagos, habitantes da Costa de Oiro?...

LISBOA, 7 - 9 - 1936

OS ALGARVIOS

POR MANUEL SOARES

A'S NOSSAS LEITORAS

Tenta-se neste número a experiência de iniciar uma nova secção destinada à Mulher. «Página Feminina», além de pretender constituir mais uma manifestação de vitalidade da «Costa de Oiro», temos fé, será bem aceite pelas nossas leitoras. Procura-se, assim, a retribuição justa ao amparo que temos recebido da Mulher Algarvia, na expansão desta Revista.

NOTAS E IMPRESSÕES

Mistério . . .

Há viva curiosidade por uma linda rapariga — duma graça e candura quasi espirituais — e a que eu chamo : minha única leitora fiel. Sei de ciência certa, que ninguém (senão a própria que suspeita ser ela) por mais tendência policial que tenha, pode descobrir... Permanece pois o idílio nestas colunas, cerrado no mais adorável mistério...

... porque é que a imaginação dos leitores e leitoras (sempre fértil) não pensou numa cousa que pode ser ... « a única leitora fiel não existe! ». Mas... ninguém acredita, a começar por ela, a quem escreverei breve, nesta secção ...

Três mulheres num ministério

Foi no século XVI que uma francesa, Marie de Gournay, lançou através da Europa, a ideia fundamental da igualdade dos dois sexos, base de toda a acção feminista. E é hoje, sómente que pela primeira vez, por vontade do Sr. Leon Blum, três francesas (e as francesas ao contrário das portuguesas não podem ainda votar) têm assento nas cadeiras de um ministério. Foram precisos mais de três séculos para que, num gesto simbólico, o país de Marie de Gournay, reconhecesse, depois de tantos outros, a igualdade dos sexos, quanto aos direitos políticos ... Cecile Leon, Irene Joliot-Curie e Suzanne Lacore ocupam respectivamente as pastas do Interior, da Higiene, e da Assistência Social...

Mais um monopólio no Japão

O emprêgo do « baton » e do « rouge » difundiu-se de tal forma nêstes últimos anos no Japão que o govêrno resolveu fazer disso uma fonte de renda para o Estado. Seguindo o exemplo dos países europeus que instituíram o monopólio de tabaco, o Japão acaba de instituir o monopólio do « baton » e do « rouge ».

Acredita-se, nos meios governamentais japonezes que, dada a vaidade femenina, que não é menor entre as amarelas do que entre as brancas, o novo monopólio trará um aumento sensível ao orçamento...

A vida dos abismos

O que se passa na superfície da terra nem sempre é alegre. E se olharmos o que se passa debaixo da terra ? Casteret que além de ser um grande explorador subterrâneo, apresenta-se como um fluente escritor, de emoções extranhas e inéditas, conta-nos no seu novo livro « No fundo dos abismos » — o que é essa vida subterrânea, sem dias, sem noites, sem sol, sem estrelas. A vida das cavernas é um mundo a um tempo horrendo, a um tempo belo. Ouvem-se vozes humanas que são os murmúrios dos riachos ; bramidos de cataratas que são as correntes de ar estoirando as pedras e a solidão ; rumores de trovão que são os vôos dos morcegos ; músicas harmoniosas que são as quedas d'água. O engano brinca com a nossa vista e com o nosso ouvido. A escuridão povoa-se de formas fantásticas e de monstros. Não são sómente ilusões que nos esperam nas profundezas da Terra, mas também, decepções: a falsa caverna, as gargantas fechadas, o abismo que se recusa a qualquer sondagem, a cheia repentina e terrível da torrente que nos faz fugir... escuros e terríveis caminhos !...

Provérbios de Salomão

- 1 — Vindo a soberba, virá também a afronta ; mas com os humildes está a sabedoria...
- 2 — A sinceridade dos sinceros os encaminhará, mas a perversidade dos desleais os destruirá !...
- 3 — O homem de bem faz bem à sua própria alma, mas o cruel perturba a sua própria carne...
- 4 — O que ama a correcção ama o conhecimento, mas o que aborrece a repreensão é um estulto...
- 5 — O vexame abate o coração do homem, mas uma boa palavra o alegre...
- 6 — Há quem se faça rico, não tendo cousa nenhuma; e quem se faça pobre, tendo grande riqueza...
- 7 — Até no riso terá dôr o coração, e o fim da alegria é a tristeza...

«Costa de Oiro»
foi visada pela Comissão de Censura

As Festas Populares

Por Jacques Neves



Foto de Cap. Forçado

É extraordinariamente importante a preponderância que as festas populares exercem na vida económica-colectiva das localidades que as promovem, na expansão do seu comércio e de parte das suas indústrias.

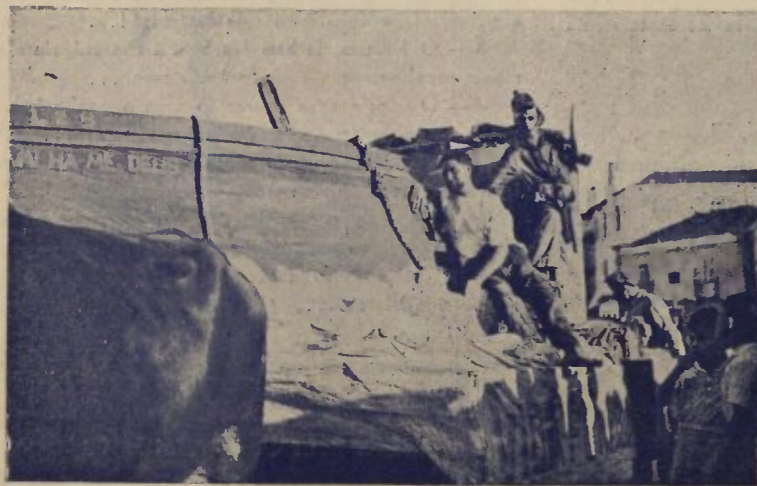


Foto de Cap. Forçado

costa de oiro - 6

Sob a influência das festas populares intensifica-se a actividade dos estabelecimentos e organismos locais, desenvolvem-se as faculdades culturais e artísticas das populações. Quebrada momentaneamente a habitual monotonia das localidades, estas movimentam-se, animam-se, proporcionando com as suas festas aprazíveis atrativos e horas de distração, permitindo simultaneamente auferir apreciáveis receitas e obter valiosos elementos de propaganda que muito eficazmente contribuem para as tornar visitadas e conhecidas.

Aliando em geral à função recreativa, uma finalidade altruista e humanitária, por intermédio das festas se conseguem recursos financeiros que permitem auxiliar a manutenção de instituições de beneficência local. Objectivos de tão elevado alcance social e de solidariedade

humana imprimem a estas festas uma feição duplamente simpática e justificam plenamente a necessidade de as promover sempre que para isso se apresente oportunidade.

Assim se tem compreendido e praticado por todo o País, desde a mais remota e pequena aldeia, até aos maiores e mais cultos centros populacionais, para os quais as suas festas são sempre motivo de regosijo popular, de função lucrativa, sugerindo proveitosas iniciativas.

As fotografias que ilustram estas páginas foram obtidas durante o cortejo de carros alegóricos, um dos melhores números das recentes festas promovidas pela A. B. V. de Lagos

A cidade de Lagos de há muito integrada na evolução das diferentes fases da vida moderna, não só por este geral anseio de expansão e de progresso, mas ainda pela intensificação de concorrência às suas praias e de movimento impulsionado pelos seus clubs desportivos, não pode evidentemente descuidar a organização das suas festas, assim como as comodidades a oferecer aos seus visitantes e os melhoramentos adequados ao mais eficiente aproveitamento das suas excepcionais condições.

Promovidas por um dos seus clubs desportivos—o Esperança—e pela Associação dos Bombeiros Voluntários, fôram levadas a efeito nesta cidade, com pequeno intervalo de tempo, interessantes festas nas quais cooperaram diversas associações de beneficência local que resultaram brilhantes, não só pela

escôlha de aprimorados números como pela sua excelente exibição, grande afluência de visitantes e de povo da cidade e arredores que lhes imprimiu realce e comunicativa alegria.

Lagos ofereceu assim à sua colónia balnear e forasteiros, momentos de distração que primaram pelo delicado e fino gosto de organização do conjunto, boa ordem e correcção, sem exigências de sacrifícios monetários para ninguém.

Alcançados tão esplên-



Foto de M. d'Oliveira Santos

didados objectivos e verificados os resultados que julgamos satisfatórios, é para desejar que a boa vontade dos promotores de tão úteis diversões, não desfaleça perante as contrariedades que sempre surgem ao pôr em prática qualquer iniciativa e continuem proporcionando à cidade a animação de que ela carece não só para demonstrar que vive e deseja progredir, como também para que os seus magníficos recursos turísticos não continuem desperdoados e improdutivos como até hoje. É necessário que os organismos e elementos preponderantes de Lagos se compenbrem de que a cidade tem de acompanhar moral e materialmente a época progressiva que atravessamos e que as festas populares muito contribuem para esse resultado.



Foto de Cap. Forçado

costa de oiro - 7

CONTOS MARITIMOS

Por A. J. Wega

Quem era o velho Pedro?

Marinheiro já retirado do serviço do mar, mas que o hábito contraído de ouvir o barulho das águas, o impelia todos os dias para a praia, onde permanecia algum tempo, contemplando, saudoso, o vasto oceano.

Nestas excursões, era acompanhado por uma loura creancita de dez anos, alegre e viva, pobremente vestida, e de pés nus, que as ondas levemente lavavam, quando ela seguia, a curva sinuosa, que as ondas recuando, deixavam gravada na praia.

Avô e neta, eram duas creanças amigas, que brincavam como se fôsem da mesma idade, mas o velho obedecia sempre aos desejos da creança, que, em recompensa, quando o trilho do caminho era mais áspero, dificultando o andar incerto do ancião, lhe servia de apoio, segurando-o pela mão.

Já quando na pequena vila de Cezimbra soavam as doze badaladas do meio-dia a neta apontava para a ermidinha erguida no alto, e dizia:

— São as horas; a mãe espera.

E os dois subiam à vila, e entravam na modesta moradia de pescador, onde encontravam fumegando a refeição, que Joaquina, a filha de Pedro, preparara com cuidado.

— Sabes Joaquina — disse o velho sentando-se à meza — o tempo vai mudar; o mar bate desesperado nas rochas, e lá para o sujeito a arrumação é já grande. O vento de lá não tardará.

— Que Deus se amerceie do nosso José, meu pae!

— Eles terão cuidado, porque não-de vêr como eu vêjo!

Electivamente, as nuvens arrumadas ao sudoeste, fôram subindo, subindo, destacando-se mais velozes algumas delas, que chegando ao zenith, despediam violentas rajadas, toldando o céu: o mar perdera a transparência, tornara-se cinzento escuro, e de ondas mais alterosass, que batendo na praia e nos penhascos, estremeciam o solo.

Era já medonho o aspecto do tempo, quando o velho Pedro voltou para a praia. A espuma das vagas e a chuva dificultava vêr-se para o largo, mas perto, alguns barquitos de bôca aberta, corridos com o vento e o mar, vencem a salvamento a entrada da enseada, passando os cachopos e restingas nas cristas de alterosas vagas, e enxurram pela praia, onde os de terra, lhes acodem com cabos e espias, até encaharem em segurança, faina esta fatigante e arriscada em que se manifesta o arrôjo e a dedicação.

À praia vinham também de roldão, bocados de madeiros, varas, rêmos partidos, aduêlas soltas, destroços de embarcação arrombada pelo mar.

Toda a gente da vila descera ali, ansiosa e decidida a auxiliar os seus, pois quando o temporal zorra, é preciso acudir aos que por êle possam ser surpreendidos. O sussurro do mar e do vento, não deixava ouvir as vozes; não se podia caminhar de pé, mas de rastos, porque a fôrça do vento, arremessava abaixo os indivíduos.

Nem todos os barquitos se salvaram; um dêles, já mefo desmantelado, sem govêrno, impellido p lo mar, estaca de repente, é coberto e enrolado por uma volumosa onda, que o engole e o despedaça, deixando a fluctuar dois corpos que tentavam nadar.

— Nossa Senhora, lhes valha! — gritavam vozes aflitas.

— A mim, rapazes! — E o velho Pedro, despindo a

japôna, solta-se das mãos da neta aturdida, e mergulha, mostrando ainda o seu valôr.

— Crêdo — gritavam as mulheres, que de mãos postas seguiam com a vista o vulto do velho nadador, que ora se distinguia na crista duma vaga, ora desaparecia na cava doutro mar. — Angustiosos momentos!

— Além — além — gritam alguns apontando para um ponto do mar, — onde efectivamente, se distinguia o vulto dum homem nadando com denodo.

Era o nosso bom Pedro.

Os de terra atiram-lhe boias e cabos, rêmos, xaçrezes, e alguns amarrados pela cintura, irvestem com as ondas, a disputar-lhes aquêlê companheiro.

Foi rápido o momento; o próprio mar, parece que admirado do arrôjo, generosamente impeliu o ancião, que veio dar à praia com vida, agarrando um corpo meio desfalecido doutro pescador. E notável coincidência; êsse corpo era o do marido de Joaquina.

À angústia seguiu-se a alegria — José voltou à vida; o velho foi abraçado por todos, e a neta beijava o avô, molhando-lhe as mãos com lágrimas de alegria. — Já ninguém atentava no temporal que continuava rugindo.

Navegava o brigue Minerva nas águas da costa de Portugal, por uma manhã tenebrosa e fria, como são freqüentes nestas paragens, ao findar a época do outono.

Já em parte desarvorado do aparelho, o casco velho abria pelas costuras, sacudido pelos violentos balanços ocasionados pelos mares do violento temporal do sul.

Só Deus! Só Deus!

As velas em farrapos, as vergas partidas, perdido o leme, o pobre brigue, não era mais do que uma carcassa, sem govêrno, sem rumo, que lentamente se submergia.

Por entre a neblina do temporal, descortinava-se a terra muito perto; mancha escura no curto horizonte, que as vagas alterosas e negras escondiam as pedras que a contornavam.

Ricardo, o jovem capitão do Minerva, já nada podia fazer. Era irremediável, ou a submersão ou dar à costa.

Na ré, junto à escada do tombadilho, cabelos soltos ao vento, tendo uma das mãos apoiada sôbre a cabeça dum cão amarello que, a seu lado, assentado sôbre os quartos trazeiros, ora o contemplava submisso, ora farejava para o lado da terra, o capitão aguardava o momento de se lançar ao mar.

Da guarnição do barco só restava êle. Os outros tripulantes, seguiram na lanchinha, em busca de salvação.

As impetuosas pancadas do mar, o brigue abria mais, mais mergulhava, e mais se aproximava da costa.

Na praia, na encosta da terra, corriam vultos de pessoas, para prestarem socorro, mas veio a noite escurecer êste medonho quadro, e parece que aumentar a tormenta e os tormentos.

As ondas altas e negras batiam, com enorme fragôr, nos rochedos, espalhando pela praia destroços do navio. Os habitantes próximos, munidos de archotes, corriam aqui e além, procurando acudir a quem chegasse com vida à praia, e esbarram com um cadáver, que o mar recuando deixara a descoberto.

Então, encaram o mar, dirigindo-lhes a luz dos archotes, como a exigir-lhes a entrega dos que restam, e o mar pareceu compreender, pois que à luz dos fogachos, vêem-se dois corpos na crista de uma vaga mais negra e medonha, que rolam abraçados um ao outro; e a mesma onda, depondo-os na praia, recuou veloz, para dar tempo a que os retrassem.

Eram os corpos de Ricardo e do seu cão, ambos sem vida.

CINEMA

Por RUI QUARESMA

Tem despertado entre nós vivo interesse o concurso de argumentos, para um filme sob o titulo «Charlie Chan em Lisboa», que a Companhia Cinematográfica de Portugal, como representante da conhecida e importante Casa Fox, da América, organizou por intermédio da simpática revista portuguesa «Cinéfilo».

E esse interesse justifica-se plenamente, não só porque o referido concurso facilita a selecção de argumentistas, os grandes auxiliares da industria cinematográfica, que entre nós ainda vive môça e vacilante, como porque dirige a atenção do mundo cinéfilo para o nosso país: a paizagem portuguesa será por certo, firmada nesses bocados de celuloide, mercadejados, depois, por todo o mundo culto, com vantagens para Portugal.

A direcção da 20 th Century - Fox só mostrou com isso intelligente tacto administrativo que lhe dará ótimos resultados financeiros, porque, se é certo que o público do nosso país nutre, de há muito uma grande admiração pelos trabalhos de Warner Oland, evidentemente a projectada pelicula «Charlie Chan em Lisboa» marcará, quando fôr

exibida entre nós, um grande successo.

Warner Oland, com que hoje ilustramos esta página, na sua fisionomia amolecida e oriental, traçou, desde o filme «Mistérios de New York» os passos largos do triunfo.

Que melhor diploma poderá servir para si, do que a afirmação plena de que o povo o toma sempre como um sagaz e cínico chinês, que no papel de Fu-Manchu deu sempre largos a perversos instintos, e hoje traça a personagem

inteligente e rígida dum arguto detective — o novo Sherlock Holmes — quando, na verdade, êsse artista não passa de um sueco de bom coração e de extrema modestia, vivendo para a familia e para a sua arte?

Por tudo isto o público português concede a Warner Oland um seguro aprêço, e espera, com

anciedade, mais êsse trabalho da cidade da aristocracia cinematográfica — a Hollywood americana.

No próximo número «Costa de Oiro» inserirá nesta secção uma agradável surpresa para os nossos leitores cinéfilos



PÁGINA FEMENINA

A origem da renda de Veneza

A renda de Veneza, segundo uma versão, nasceu do amor não de um príncipe encantado, mas sim do amor simples e puro de um jovem pescador de Veneza, cuja noiva, pobre e singela como êle, procurou tecer com a sua pequenina agulha, a flor da despedida que êle lhe oferecera antes de partir para a guerra, no período tam conhecido das lutas de conquista e occupações, que marcou época na história da Itália.

Era um «coral-rosa» a dádiva gentil, que traduzia a saúde do infeliz moço apaixonado.

Mas enquanto êle de espada e lança defendia a causa mais justa, ela triste e só, entregue à sua dor, na expectativa sempre incerta da sorte do guerreiro, passava horas absorva na doce contemplação da oferta graciosa do seu adorado amor.

Procurando esquecer, ou antes adormecer, a saúde que lhe ensombrevava a vida, passava o tempo da longa ausência entregando-se à manufactura da arte, que quasi sempre é cultivada entre as mulheres dos pescadores, como acontece às nossas mulheres dos pontos tam conhecidos pelas suas rendas, como Vila do Conde, Peniche, Setubal, etc.

Mas em vez do conhecido e classico bilro e alheia ao lápis que ela sem dúvida não sabia manejar, serviu-se da singela agulha com que costurava pensando nêle, e com o pensamento no idolo do seu coração, foi volteando entre os seus dedos o minúsculo instrumento, procurando reproduzir com o simples ponto de recorte o lindo ramo de coral rosa que a seus olhos representava todo o amor ardente e apaixonado das suas almas enlutadas pela saúde da ausência... E foi assim que nasceu, embora toacamente, segundo reza a lenda, o tam célebre ponto de Veneza, que, aperfeiçoado, maravilhou a Europa inteira, chamando sobre Veneza o interêsse de uma indústria, tão importante como rica, mórmente em França, onde o grande ministro que foi Colbert, compreendendo quanto valor poderia, esta indústria, procurou por todos os meios introduzi-la no seu paiz, dando-lhe o rei Luís XIV os recursos necessários ao seu desenvolvimento.

Mandando vir de Itália as mais afamadas rendeiras, obteve um êxito colossal, recebendo as rendeiras francezas as primeiras lições das colegas italianas, por êste processo tam engenhoso.

O rei vendo os progressos e a vontade de progredir dispensou ainda maior protecção, fundando em Alençon uma escola do género que as mulheres francezas tam artistas e engenhosas depressa desenvolveram criando modelos, modificando o que julgavam menos agradável ao seu fino gôsto, produzindo um género seu ao qual puz-

ram o nome de renda Colbert, como preito ao seu primeiro protector.

E foi assim que floresceram as célebres rendas de Alençon, Bruxelas, Malines, etc, que não são mais do que o desenvolvimento e aperfeiçoamento da renda de Veneza, nascida talvez... de um beijo!

LUIZA DE SOUSA

Conselhos de beleza

As lavagens de cabeça repetidas a miudo, nem sempre são inofensivas. Principalmente as pessoas que sofrem de nevralgias, dos olhos, tosse ou dores de dentes, não devem molhar a cabeça e fazer uso simplesmente das lavagens a seco. Para isso, toma-se um pouco de glicerina, e fricciona-se com ela o couro da cabeça e o cabelo em todo o seu comprimento, — é desnecessário repetir esta operação — envolve-se a cabeça numa toalha, e quando o cabelo tiver absorvido toda a glicerina solta-se e em seguida penteia-se, primeiro com um pente de dentes largos e depois com um que tenha os dentes mais juntos, e finalmente com um pente de caspa.

Este processo de lavagem torna o cabelo limpo, solto e brilhante. A alguns cabelos louros succede em os molhando tornarem-se de uma côr irregular. Para estes existe também um processo de lavagem que consiste no seguinte: à noite, ao deitar, pulveriza-se o couro da cabeça e o cabelo com pó de amido, inofensivo sem perfume, envolve-se a cabeça numa toalha e pela manhã escova-se o cabelo e penteia-se como acima dissemos. Esta lavagem só por si dará ao cabelo uma côr absolutamente uniforme.

Doces-creme de maçãs

Cortam-se seis grandes maçãs em rodellas muito finas. Faz-se um creme com quatro colheres de sopa de farinha, meio litro de leite e cinco ovos bem batidos. Quando o creme começa a engrossar juntam-se as maçãs e a casca de um limão. Deita-se num prato de ir ao forno e deixa-se coser durante um quarto de hora.

O valor de um dote

Na véspera de um casamento, um homem chamou o futuro genro e disse-lhe: Meu Amigo, vou entregar-lhe o dote de minha filha.

Ouçã: educação cuidada, conhecendo música e duas línguas, quatro contos; isenção de coquetismo, mais quatro contos; conhecimento da direcção de uma casa e, a fundo, de uma cosinha, seis contos; não gostar de passeios, nem de bailes, nem de teatros, mas apenas do arranjo e decência da sua casa, dois contos; activa e exímia na confecção dos seus vestidos e chapéus, dois contos. Isto tudo, somado com dois contos que lhe entrego em dinheiro perfaz um dote de vinte contos!

«A celebração do bi-milenário de Horácio — o mais moderno, pelo espírito, de todos os poetas da antiguidade — realizou-se quasi ao mesmo tempo nas duas academias da língua portuguesa. Com efeito, êsse acto de ostentação justificava-se, e justifica-se, não só pela permanência do interesse que ao mundo culto merece o incomparável lírico dos *Carmes* (ao mesmo tempo um romano pela estrutura moral e filosófica da sua obra, e um grego pela elegância, pela concisão, pelo bom-gosto, pela sábia utilização das formas e dos ritmos do lirismo lésbico e alexandrino), mas também, e especialmente, por motivos de política cultural que tornam neste momento indispensável às nações novilatinas a intensificação do «culto do humanismo», quer di-

zer, a sua perfeita integração no complexo espiritual da latinidade, de que Horácio é uma das mais representativas figuras. Abster-me-ei de renovar as considerações já noutra lugar produzidas, a propósito do «ano de oiro horaciano», quer quanto à sua obra, à sua técnica poética, à sua fina sensibilidade, ao seu delicado epicurismo, ao seu gênio eclético, ao seu horror da ênfase, à circunstância de ter sido êle o primeiro poeta latino que soube conversar e sorrir, que amou sem paixão, que castigou sem violência, — e, finalmente, aos pontos de contacto flagrantemente entre a mentalidade de Horácio e o espírito contemporâneo. Limitar-me-ei, aproveitando o ensejo que me oferece a bela oração de Aloysio de Castro, a dizer algumas palavras, sem dúvida oportunas, acerca do valor pragmático desta comemoração, que em breve será coroada, no nosso país pela exposição horaciana da Biblioteca Nacional.

Há tempo que se vem desenhando em certos países do norte da Europa e, em especial, naquele que se considera a mais pura expressão da raça ariana, um movimento de reivindicação de valores intellectuais, pelo que se pretende opôr ao «complexo mediterrâneo», que há séculos

mantém o primado da cultura mental, um «complexo nórdico» formado originariamente pelas irradiações directas da civilização iraniana, irradiações que mais tarde, como se o Báltico fôsse um gigantesco espelho, se reflectiram para o sul pelas sucessivas migrações dos povos nórdicos, creando as formas de cultura que a latinidade considera sua exclusiva criação. A Grécia, que os «germanistas» e, em especial, o eminente Strzygowski, apoiados em argumentos etnológicos e pre-históricos, intentam desintegrar do

grupo mediterrâneo seria, assim, uma criação puramente nórdica; o templo grego não passaria de uma importação ou, melhor, de uma simples petrificação das formas de arquitectura em madeira dos vikings e dos varégués; tudo ou

quasi tudo o que a cultura latina deveu ao helenismo constituiria um afluxo indirecto de valores nórdicos, creados ou transformados pelos povos que a orgulhosa Roma classificou de «bárbaros». Semelhante concepção, opondo o «nórdico» à «latinidade» como creador de valores mentais, tende a substituir o «culto do Báltico e do mar do Norte», considerados focos da origem da civilização europeia, e preconiza, como consequência, o repúdio, pela mocidade alemã, do humanismo usurpador, e a necessidade de uma terceira ofensiva contra o espírito clássico, mais decisiva e mais violenta do que o movimento gótico do século XIII, que cobriu a Europa de um manto branco de catedrais normando-escandinavas, ou do que o movimento de liberação goethiana do fim do século XVIII, de que resultou o triunfo universal do Romantismo.

Perante êste novo «mito-nórdico», que não é susceptível de demonstração científica, mas que possui a fôrça irresistível de tôdas as misticas geradoras de imperialismos, a afirmação de que a latinidade está em perigo não é, pois, uma afirmação vã. A ameaça ao humanismo encontra-se inscrita no «programa

CIÊNCIA E CULTURA

O CULTO DO HUMANISMO

E O «MITO NÓRDICO»

Por JÚLIO DANTAS

AINDA O HOTEL

(Continuação)

Inexplicável e criminoso, por destituído de toda a visão e critério, tem sido o abandono a que durante tantos anos tem sido votado o Chão Queimado e o maravilhoso encadeamento de praias e rochedos que o prolongam. É tanto mais que pela Ribeira temos recebido — e continuaremos a receber — tôdas as pessoas proeminentes que visitam a nossa admirável Baía — única razão da existência e única garantia de futuro desta terra tam pequena, tam risonha e tam descrente de si mesma.

Terminaremos dizendo que o futuro duma terra se prepara, acima de tudo, pela criação duma frente comum de pessoas cultas e moralmente sãs; que, pela sua disposição acarinhante para com tôdas as iniciativas úteis — venham elas donde vierem — eduquem as populações nos bons princípios da boa compreensão colectiva. Entre êles, o de maior valor utilitário manda que, sem tergiversarmos, saibamos acolher e aceitar um relativo sacrifício pessoal, quando dêle venha a resultar um melhoramento de interesse público.

PROBLEMAS DE INSTRUÇÃO

(Continuação)

diplomado não saiba *tudo* do seu mister. Mas os que entendem que a escola deve formar 'competências', valores aptos a triunfar — êsses não perdoam, mas escarnekem, sem razão, dos deslizes dos *maus* doutores. Para a formação de 'competências' é necessária uma instrução prática. A nossa instrução, até aqui, tem pecado por excessivamente teórica e complicada. O que resulta? É o diplomado que se estreia ter a noção exacta de que só então, verdadeiramente está *começando* a sua aprendizagem. Até se fazer por si — medeia o espaço em que uns 'falham', e outros 'avançam', já com os meios práticos de triunfar na profissão. De 'maus' passam a 'bons'. Mas com certo egoísmo condenável, esquecem-se dos que, nas escolas superiores, vão trilhando o mesmo caminho amargo e tortuoso.

Lisboa, Setembro de 1934

Aparte-se do mal e faça o bem, busque a paz e vá após d'ela.

E. S. PEDRO 3.

«Costa de Oiro» é a melhor revista algarvia

germanico», programa que procura impôr ao mundo uma formação mental diferente e o respeito de valores espirituais opostos áqueles que constituem o «complexo mediterrâneo». A subversão das aquisições da cultura greco-latina, indispensáveis à permanência de uma forma superior da consciência humana, depende apenas da eficácia dos instrumentos militares e económicos de que a reacção nórdica — eloquentemente expressa na *Decadência do Ocidente*, de Spengler — disponha para o domínio do mundo. Às nações novi-latinas compete, por espírito de continuidade e por necessidade de defesa, perseverar no culto do humanismo, que significa não sómente «tra-

dição mediterrânea», mas, elevação espiritual, sentido da liberdade, amor da beleza e da justiça, respeito pela dignidade do homem. A essa intenção tem obedecido a comemoração do «ano de oiro horaciano», realizada nas Academias e nas Universidades da Europa e da América. Erguendo, perante a admiração dos contemporâneos, a figura tutelar do grande poeta das *Odes*, ao mesmo tempo tão remota e tão próxima, tão antiga e tão moderna, tão solene e tão familiar, reconheceremos sem esforço — ao contrário, talvez do que pensam os «nórdicos» na sua permanente nostalgia da idade do bronze — que Horácio não foi positivamente um «viking».

COMUNICADO

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lagos, tendo recebido uma Representação assinada por vários habitantes do bairro da Ribeira protestando contra a idéa, atribuída à Comissão de Iniciativa e Turismo, de construir um edifício, destinado a uma casa de Chá e Hotel, no sítio do Chão Queimado, freguesia de Santa Maria, precisamente no local onde está presentemente em laboração uma fábrica de conservas de sardinha em azeite, — o que determinaria, segundo os abaixo assinados, a expropriação de todo o bairro da Ribeira, afectando assim os interesses piscatórios, — faz saber que, tendo interrogado sôbre o assunto a Digna Comissão de Iniciativa e Turismo, dela recebeu o seguinte officio, que faz público:

S. R. Comissão de Iniciativa e Turismo de Lagos — N.º 264 — Lagos, 26 de Setembro de 1936 — Ex.º Sr. Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lagos — Em harmonia com a nota que fez publicar nos placards da cidade, não tem esta Comissão presentemente a intenção de expropriar qualquer outro prédio além do armazem da firma Orey, Antunes & C.ª. Ld.ª, que está sendo utilizado pela fábrica do Sr. Joaquim Bexiga. Visa essa expropriação a dar execução a um plano, aprovado por esta Comissão, e destinado a realizar uma valorização sistemática de toda a costa marítima que vai do Chão Queimado até à Ponta da Piedade.

É inegável que essa costa é o que há de mais admirável e digno de visita em toda a costa marítima algarvia, como repetidamente nos tem sido afirmado pelos numerosos nacionais e estrangeiros que nos visitam. Será crime valorizá-la?

A expropriação referida, que já tem o acôrdo da firma proprietária, virá dar um

novô realce à beleza da Praia Formosa, actualmente já tam concorrida, e criará mais um argumento, de muito valor, para que seja construído um novo acesso à Ribeira.

Era de esperar que os poucos interesses particulares atingidos tentassem, por todos os processos, sobrepôr-se ao nosso intento, paralizzando a nossa actividade. A mensagem, com o seu pretendido aspecto de grito da opinião pública, é, no fundo, apenas uma habilidade dêsses interesses, que essa digna Câmara, por certo, não encorajará. É claro que muitas pessoas a assinaram de boa-fé, no receio de que fôssemos inadvertidamente expropriar toda a Ribeira. Mas essas se tranquilizarão, sendo informadas da verdade das nossas intenções.

Excusado será dizer que não consideramos o pequeno hotel-restaurant, que vamos criar à beira-mar, uma solução definitiva do problema hoteleiro local. Trata-se dum primeiro passo, a nosso vêr muito útil.

É pois absolutamente falso que esta Comissão pense em prejudicar qualquer actividade das que se exercem na Ribeira.

A própria fábrica a expropriar esperamos que poderá continuar a exercer a sua actividade noutra casa, não sofrendo outro dano além do resultante da transferência.

Não vêmos, pois, motivo, para qualquer alarme.

Apresento a V.ª Ex.ª a afirmação da minha maior consideração.

A Bem da Nação — O Presidente (a) Leonel Vieira.

Para constar se transcreve o presente. Paços do Concelho de Lagos, 9 de Outubro de 1936.

O Presidente da Comissão Administrativa,

(a) FRANCISCO MOREIRA PACHECO

Ao visitar LOULÉ não
deixe de procurar a **PENSÃO SEZINANDO**
59, Rua 5 de Outubro e Rua do Chafariz, 15, 17, 19 e 21



AÍ ENCONTRAREIS:

Um ótimo e esmerado serviço de mēsa - Belos e higiēnicos quarto de cama mobilados com todo o confôrto. -- **QUARTO DE BANHO. NUMA PALAVRA:**

Asseio, comodidade e limpeza a preços económicos fóra de conçoerência
Explêndido e moderno prédio numa das ruas mais importantes de Loulé

LEILÃO DE PENHORES

CAIXA GERAL DE DEPOSITOS, CREDITO E PREVIDENCIA

CASA DE CREDITO POPULAR - Agência n.º 53 - Lagos

Avisam-se os mutuários que no dia 15 do proximo mez de Novembro, se procederá á venda em leilão dos penhores que caucionam os empréstimos efectuados que tenham um atrazo de juros de mais de 3 mezes.

A agência receberá juros em dividas até aquela data.

Repartição da Casa de Credito Popular, 28 de Setembro de 1936.

O Director de Serviços—(a) **Francisco Cordeiro**

NOTICIARIO

UM distinto médico algarvio, o Sr. Dr. João Vicente de Brito está, actualmente, procedendo a estudos laboratoriais acerca da terapéutica da tuberculose. Tendo feito um curso brilhante na Universidade de Coimbra, este illustre algarvio, apesar da sua mocidade (conta apenas 29 anos), está chamando a atenção de mestres reputados como o Sr. Dr. Afonso Pinto e Dr. Giraldo de Brites. O seu fim é desguarnecer totalmente o bacilo de Kock da membrana odipocerosa que o protege, como couraça invulnerável. Ao cabo de várias e pacientes experiências o Sr. Dr. Vicente de Brito, achou um processo original com o qual, baseado na actuação fisico-química obteve resultados muito lisongeiros. Mas as experiências d'este illustre clinico ainda não chegavam ao seu termo, pois sendo certo que se a destruição da membrana odipocerosa já representa um passo formidável em frente na cura da tuberculose, o Sr. Dr. Vicente de Brito pretende ainda mais: a destruição integral do bacilo de Kock. Neste sentido fizeram os jornais portugueses e estrangeiros largas referências, e tudo leva a crer, que o Instituto Português de alta cultura sancione um estágio do talentoso médico nos laboratórios de Paris. A Revista «Costa de Oiro», que segue sempre, com carinho, as manifestações da inteligência, sensibilidade e cultura

algarvias felicita, orgulhosamente, tão distinto fil' o do Algarve.

...

A última exposição de trabalhos da Escola Industrial de Vitorino Damásio denotou bem o progresso que se acentua dia a dia, em tôdas as suas actividades.

...

O Esperança Foot-Ball Club num desafio de basket-ball com a equipe francesa foi vencido por 26 pontos contra 12 e vencedor em foot-ball por 6 goals contra 1.

...

TERMINOU a sua missão especial de serviço, como instrutor dos soldados-cadetes milicianos em Mafra, o nosso conterrâneo Sr. Tenente Aldemiro Carlos Nunes Correia, distinto official nos Pupilos do Exército de Lisboa.

...

REGRESSOU a Lisboa o nosso amigo e apreciado colaborador, sr. Francisco Carlos Nunes Correia.

PERFUMARIA DA MODA

PRAÇA DA REPUBLICA N.ºs 26 - 28
LOULÉ - ALGARVE - PORTUGAL


Admiravel colecção de productos de beleza e perfumaria dos melhores fabricantes nacionais e estrangeiros:—Benamor Nally—Ach Brito—Claus—Madame Campos—Couraça—Santa Clara—Ruther—Mimosa—Taipas—Confiança—Gabriela—Virel—Dourado—Marya—Piver—Cotti—Colgats—Houbigant—Toucalon—Cherami—Gellé—Frères—Dorin—Myrea—etc. etc.

Preços sem competencia

BRINDES A TODOS OS CLIENTES

Fazei uma pequena encomenda a titulo de experiência, para convencerdes





"COSTA DE OIRO"

é composta
e impressa

na Tipog. Ferreira - Lagos